



O PODER DA FALA DO PODER A FALA DO PODER DA FALA¹

Mário Lúcio Alves Baptista²

RESUMO

O Autor, percorrendo conceitos da linguística, da psicanálise, da sociologia, e recorrendo, ainda, a acontecimentos da História do Brasil, procura demonstrar como a fala sociológica e psicanaliticamente compreendida é um instrumento do poder. Mostra que os grupos, instalados no chamado *establishment*, manipulam a linguagem para excluir aqueles que se utilizam de uma linguagem própria, mas adequada, para excluir inovações e ameaças ao poder. Mesmo nos meios científicos, devido a essa manipulação da fala, são cerceados progressos, inovações, desenvolvimentos, mudanças. A Psicanálise não escapa a isso e está também exposta ao mesmo fenômeno, de forma a que os progressos sejam contidos, minimizados ou esterilizados. Este é um fenômeno humano e a ele se entregam os membros do *establishment* e os acólitos. Isto pode estar contribuindo para que o momento psicanalítico em que vivemos seja de extrema penúria teórica.

17

¹ Publicado na Revista Ide, São Paulo, (24) 52-64, 1994.

² Psiquiatra e Psicanalista, com formação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, onde teve grande participação, científica, administrativa e política. Como membro efetivo e analista didata da SBPSP, foi também docente do seu Instituto de Formação. Foi ainda membro efetivo, analista didata e docente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro e do Núcleo Psicanalítico de Belo Horizonte, tendo sido uma das pessoas mais ativas para que este viesse a se constituir em Grupo de Estudos da IPA. No GEPMG, exerceu a presidência por oito anos. Faleceu em 22 de novembro de 2014.

Palavras-chave: Psicanálise. Poder da fala. Linguagem. Senso comum. Percurso da reflexão. Cooptação. Linguagem acrática

ABSTRACT

The author, making use of concepts from the areas of linguistics, psychoanalysis, sociology, and making recourse also to occurrences in the History of Brazil, seeks to demonstrate that a sociologically and psychoanalytically understood discourse is an instrument of power. He shows that groups, installed in the so-called "establishment", manipulate language in order to exclude those who use a language of their own, even though adequate, so as to exclude innovation and threats to power. Even in scientific mediums, due to this manipulation of discourse, progress, innovation, development, change, are restricted. Psychoanalysis does not escape this reality and it is exposed to the same phenomenon in a way that progress is contained, minimized or sterilized. This is a human phenomenon and to it, the members of the "establishment" and the acolytes dedicate themselves fully. This may be contributing for the moment of psychoanalysis in which we live today, of extreme theoretical poverty.

Keywords: Psychoanalysis. Power of the spoken language. Common sense. Reflection trajectory. Coopting. Language without rule.

"Felizmente, as conferências científicas e políticas nada têm em comum. O êxito de uma convenção política depende de acordo geral da maioria ou da totalidade de seus participantes. O uso de votos e vetos, todavia, é estranho à discussão científica, em que o desacordo se mostra, via de regra, mais produtivo que o acordo. O desacordo revela antinomias e tensões dentro do campo em discussão e exige novas explorações."

Jakobson, 1960.

Introdução

O tema que me propus desenvolver é de aparente simplicidade. Uma simplicidade que vem da certeza de que é senso comum o fato de a fala ser um dos instrumentos mais poderosos de que dispõe o ser humano. É também senso comum que, seja em que nível for das divisões da sociedade, os detentores do poder sempre utilizaram e vão continuar utilizando a fala e sua força tanto para alcançar o poder como para perpetuá-lo em suas mãos.

O texto atual foi originalmente escrito para ser discutido em reunião científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - o que se deu em 1991. Posteriormente, foi preparado para publicação no número 24, de 1994, da Revista "Ide" da mesma Sociedade e, agora, aparece nesta coletânea³ de trabalhos oriundos direta ou indiretamente das propostas psicanalíticas, científicas e filosóficas de Fábio Herrmann.

A fala humana jamais perderá a força que detém e sua divisão em linguagens jamais deixará de ser utilizada pelo poder, para incluir e excluir pensadores e pensamentos. Por esta razão, este texto não é datado e, mantendo a atualidade, merece nova publicação, desta vez, de forma a atingir um público mais amplo.

Das propostas de Fábio Herrmann, utilizo-me, explicitamente, de um conceito de absoluta relevância para a Psicanálise, o de *paciente criado* que esclarecerei no texto, e, ainda, de uma forma de lidar com a diversidade de escolas psicanalíticas que se entrelaça com a questão das linguagens. Além deste uso explícito, está aquele que permeia todo o texto, pois que, o estudo da obra deste autor, me permitiu ampliar meus horizontes psicanalíticos.

Quando tive o primeiro contato com a afirmativa de que o poder utiliza como sua linguagem o senso comum, de maneira a excluir do que seja a sua linguagem aquilo que não for o senso comum, em nada me surpreendi.

³ O texto sofreu correções exigidas pela minha melhor compreensão de alguns conceitos, além de acréscimos decorrentes do encontro de novos exemplos, mas não mudou, essencialmente.

O poder, pelo senso comum, aprisiona para si as falas, os conceitos, as verdades e a competência de tal forma que até mesmo falar de algo que seja senso comum torna-se difícil. E assim, é muito difícil falar sobre o poder da fala e a fala do poder, ou seja, falar sobre o senso comum, principalmente quando se tem como intenção primordial denunciar o uso dessa tática de inclusão e exclusão.

Proponho-me discorrer sobre o tema da seguinte forma: em primeiro lugar, procuro mostrar como a questão se propôs para mim e como foi tomando forma, ao mesmo tempo em que se expandia. Chamarei este tópico de "Percurso da Reflexão".

Num segundo momento, que chamarei de "O Poder da Fala", procurarei trazer exemplos para demonstrar como o poder da fala se impõe. Muitos destes exemplos me foram apresentados por Isaias Melsohn, em conferências que proferiu para psicanalistas e em cursos que ministrou.

Vou recorrer aos textos *Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses* de Ernst Cassirer, publicado em seu livro *Esencia y Efecto del Concepto de Símbolo* (Cassirer, 1921); "O Feiticeiro e sua Magia" e "A Eficácia Simbólica" de Claude Lévy-Strauss (Lévy-Strauss, 1949), publicados em seu livro "Antropologia Estrutural"; e, finalmente, a um texto de Roman Jakobson (Jakobson, 1960), "Linguística e Poética», publicado em seu livro "Linguagem e Comunicação" e ao relato, feito por um colega, de um fato de sua experiência pessoal.

Depois vou deter-me num primeiro nível de expansão que chamarei de "Visão Telescópica", no qual apontarei para uma visão global do problema da divisão da língua e da guerra que se instaura entre o poder e a linguagem marginal.

A seguir, vou passar a uma visão que chamarei de "À vista desarmada", quando procuro estudar como, dividida a língua, na linguagem do poder e na marginal, estabelecida a guerra entre o poder e a linguagem marginal, tem início um processo que visa à exclusão da nova linguagem pela via do discurso competente ou à sua cooptação. Estendendo-me, passarei ao estudo de como se estabelece, entre as linguagens - assim divididas, mas pertencentes à mesma área do saber -, outra guerra pelo poder, tendo algumas delas sido ou não cooptada.

Neste nível de visão, como tratamos de uma parte das ciências dedicadas à cultura, veremos, também, como cada uma das divisões da língua, as falas ou linguagens encerram dentro de si o saber de forma escolástica, delimitando como o poder o faz, áreas de inclusão e de exclusão.

Em último lugar, detenho-me no nível "A Visão Microscópica", que é aquele que se dá no uso da fala para o exercício do poder nas relações interpessoais. Tendo em vista o meu exercício diário da Psicanálise, escolhi a relação analista-analisando para pôr no foco de meu microscópio isolando, de dentro dela, exclusivamente aquilo que diz respeito ao exercício do poder. Poderia, não fora a minha prática diária da Psicanálise, escolher qualquer outro tipo de relacionamento interpessoal para fazer a mesma exposição: a de pai e filho, mestre e discípulo, homem e mulher, marido e esposa, enfim, qualquer relação entre duas pessoas.

Vou utilizar-me, ainda, de conceitos apresentados por Roland Barthes (Barthes, 1973) em seu livro "Rumor da Língua", principalmente nos textos "A Divisão das Linguagens" e "A Guerra das Linguagens" e é, no contexto destes artigos, que uso os termos fala, língua e linguagem, e conceitos apresentados por Marilena Chauí (Chauí, 1981) no texto "O Discurso Competente", publicado em seu livro "Cultura e Democracia".

Far-se-ão presentes, como informei acima, textos consagrados, mas vou lançar mão de um não consagrado como contraponto, para guiar-me no caminho que tentarei trilhar. Trata-se de uma carta de Winnicott (Winnicott, 1952) a Melanie Klein que chegou recentemente ao nosso meio, traduzida para o Português por Cláudia Bacchi e publicada na Revista Brasileira de Psicanálise.

Percurso da reflexão

Em um primeiro momento, este tema impôs-se à minha reflexão por pura casualidade - é verdade que uma casualidade semelhante àquela que levou Sir Isaac Newton a deduzir a Lei da Gravidade ao observar a queda de uma maçã, ou àquela que levou Arquimedes a deduzir os princípios da hidrostática ao brincar com objetos na água durante seu banho, evidentemente sem a sua genialidade.

Estava em uma liquidação de livros quando o título de um deles chamou-me a atenção: *Le Viol de Foules par la Propagande Politique*, de Serge Tchakhotine (Tchakhotine, 1939). Adquirido o livro, a atenção despertada começa a transformar-se em surpresa já no prefácio, no qual o autor relata suas peripécias para conseguir publicá-lo, não por falta de editor, mas diante da oposição da censura num país, a França, no qual já não existia tal mecanismo, nem sempre eficaz, de controle das ideias.

Relata o autor que as primeiras provas gráficas chegaram-lhe às mãos faltando inúmeras passagens e que ele custou a dar-se conta de que faltavam exatamente as críticas que fazia a Hitler e a Mussolini. O livro tinha sido encaminhado para publicação em 1939, dois meses antes do início da II Guerra Mundial. As censuras haviam sido feitas pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros da Terceira República. A lei francesa garantiu a publicação na íntegra, mas, nova surpresa, dois meses depois, livro já nas livrarias, declarada a Guerra, a polícia francesa o apreende. Finalmente, em 1940, os alemães ocupam Paris, confiscam-no e destroem-no - agora já não há surpresas.

Uma bela história de um livro que denuncia o perigo da mistificação das massas pela fala hitleriana no país que, fazendo fronteira com a Alemanha e tendo com esse país uma longa história de litígios beligerantes, desde a divisão do Império Carolíngio pelo Tratado de Verdun, muito provavelmente seria um dos primeiros alvos das forças nazistas, agora, fala transmutada em bala.

A fala hitleriana era tão poderosa que se impunha até mesmo aos seus alvos de mais antiga tradição e, assim, como Hitler conseguiu plantar nos dirigentes franceses o germe da irreflexão, estava plantado em mim, por um livro que denunciava exatamente isto, o germe da reflexão, da reflexão sobre o poder da fala.

Não tão casualmente como da primeira vez, pois já se encontrava plantada a semente e a terra mostrara-se fértil, uma segunda oportunidade de estímulo surgiu quando, repassando alguns aspectos da História do Brasil, deparei-me com a "visita" do Marquês de Pombal. Visita que, como todos nós sabemos, tinha por finalidade principal sufocar movimentos separatistas que se esboçavam na Colônia e esta, como aqueles, precisava ser submetida. Entre muitos outros acontecimentos

desta “visita” chamou-me a atenção o fato de que o Marquês encontrara a Colônia falando Português à exceção, principalmente, de duas províncias - a Província Cisplatina, onde se falava Espanhol e a Província de São Paulo, onde se falava, principalmente entre as classes dominantes, o tupi-guarani -, pois as demais províncias da Colônia já haviam aderido ao Português, apesar de dividir suas preferências com o tupi-guarani.

A primeira já estava perdida, que se lhe conceda a independência. Mas a segunda ainda poderia ser salva desde que lhe fosse imposta a “língua mater”, da matriz, da metrópole, portanto. Observe-se ainda, a título de curiosidade, que uma das províncias falava uma língua poderosa, o Espanhol, com a qual o Português disputava de igual para igual; a outra província falava tupi-guarani, uma língua dos seres inferiores locais, os “índios”. E assim se fez. Mais uma vez o poder da língua é usado para impor outro poder, o poder colonizador, no caso. Mas, apesar disto, não é da língua, matriz de toda linguagem, que eu quero falar, mas, sim, da linguagem, da fala, da língua encarnada em cotidiano.

O poder da fala

“E incidentalmente não desprezemos a palavra. Afinal de contas, ela é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas. As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas. Sem dúvidas ‘no começo foi a ação’ e a palavra veio depois; em certas circunstâncias, ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras. Mas originalmente a palavra foi magia - um ato mágico; e conservou muito de seu antigo poder.”

Freud, 1926.

Ernst Cassirer, no citado *“Lenguaje y Mito. Sobre la Origen de los Nombres de los Dioses”*, faz o relato da experiência de uma pessoa sem escrita, um guerreiro, um caçador, que sai para caçar pela madrugada,

ainda um pouco escuro. Repentinamente, para estatelado diante de uma coisa que está ali à sua frente e fica imobilizado pelo pânico. Aquela pessoa não sabe o que é aquilo. O caçador ficou paralisado e não tinha a fala, não podia, então, dizer: isto é tal coisa. Simplesmente tinha perdido a fala.

Fica paralisado durante algum tempo, tempo que nem ele mesmo sabe qual é, porque se ele não tem a fala não tem o tempo, nem o espaço; não tem identidade, não tem nada. Quando consegue libertar-se daquela situação, corre à tenda do feiticeiro da tribo e relata-lhe o fato.

Note-se que, só depois de recuperada a fala, pode buscar o feiticeiro e relatar-lhe o acontecido. Antes de recuperá-la, nada pode fazer senão “ficar estatelado”.

Durante o período em que aquela pessoa está vivendo apenas o puro medo, ela está com sua consciência organizada da forma que Cassirer (Cassirer, 1921-1929), especialmente no Capítulo II, do Volume III, de sua “Filosofia das Formas Simbólicas”, chama de “Consciência Expressiva Pura” e que é equiparável às experiências emocionais que Melanie Klein (Klein, 1946) tão bem descreveu sob o nome de “Posição Esquizoparanoide”, especialmente em “Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê”.⁴

O feiticeiro, que geralmente é um sábio, diz ao caçador que não se preocupe, porque aquele fora um espírito benfazejo que se apresentara de uma forma tão assustadora para que não fosse esquecido. Ele deveria ir periodicamente prestar uma homenagem àquele espírito e teria proteção na sua caça para o resto da vida. O indivíduo tranquiliza-se e sai. Resgata as armas perdidas no momento do pânico paralisador e vai completar sua caçada. Periodicamente homenageia o espírito que, com a consciência reorganizada discursivamente, pode, agora, perceber que o suporte expressivo que o espírito protetor se utilizara era um baobá, uma grande árvore de fruta-pão que, no lusco-fusco da madrugada, dava-se a perceber pelo nosso personagem como um grande e assustador trô. Sua consciência, organizada sob a forma expressiva pura, ou vivendo

⁴ Para melhor esclarecimento a respeito das semelhanças e diferenças entre estas duas propostas, remeto-as aos textos originais citados.

uma experiência emocional do tipo esquizoparanoide, não podia perceber e criar o mundo senão desta forma, a forma trô. Assim, a consciência produzia criativamente dois objetos diferentes: um, quando organizada sob a forma expressiva, um objeto assustador, um trô; outro, quando organizada sob a forma discursiva, uma árvore produtora de fruta-pão que era, ao mesmo tempo, quando dominada pelo discurso, não mais um trô assustador, mas um espírito protetor.

A fala do feiticeiro teve o poder não só de tranquilizar o caçador, como também o poder de fazê-lo acreditar naquilo que o feiticeiro queria que ele acreditasse. É evidente que o caçador precisava deter uma crença no poder do feiticeiro. Para quem estava sem fala, era melhor recuperar uma fala benfazeja do que permanecer sem fala ou com uma fala assustadora, embora até mesmo esta, como veremos abaixo no exemplo clínico, seja melhor que nenhuma fala. Assim também com a Psicanálise, que se torna muito mais eficaz quando conta com a crença de seu paciente e é melhor ter a fala de seu analista, constituída neste momento, sujeito suposto saber, que nenhuma fala. Além de tudo, é assim que se abre o caminho para o estabelecimento do poder, do poder da fala. Esta necessidade de uma crença para tornar nossa atividade mais eficaz exige maior reflexão que uma simples citação apressada, pois, talvez, esteja na base da tão observada expansão da Psicanálise primordialmente entre os profissionais da área — e, quem sabe, causa também da tão propalada crise da Psicanálise de nossos tempos. Embora este não me pareça o melhor momento para tratar de problema tão complexo, cabe acrescentar um relato de Houda Aumont feito recentemente por Elizabeth Roudinesco (Roudinesco, 1993): “Um dia ele [Lacan] não suportou mais meu silêncio. Enquanto eu estava estendida, precipitou-se sobre mim com sua máscara de cólera e me puxou os cabelos: ‘Você vai falar!’, disse. Eu estava chocada e precisava defender-me contra esta violência. Naquela mesma noite, ele me chamava para desculpar-se por seu gesto, insistia que eu voltasse às sessões. [...] Quando relatei a história dos cabelos puxados ao meu pequeno círculo de psicanalistas, disseram que era uma interpretação. A mais saborosa foi: ‘Lacan puxou seus fios de cabelo [ces tifs, em francês]... Sétif [nome de uma cidade da Argélia], foi lá [na Argélia] que você nasceu.’” (Grifos meus.)

Outra passagem interessante é relatada por Lévy-Strauss nos já citados capítulos IX e X de sua "Antropologia Estrutural". Os dois capítulos intitulam-se "A Eficácia Simbólica" e "O Feiticeiro e sua Magia". Em "A Eficácia Simbólica", procura mostrar como e porquê a magia é eficaz, mas como estou interessado na fala e não na magia, vou destacar como a magia se faz eficaz por meio do uso do poder da fala.

Em resumo, uma mulher está em trabalho de parto numa tribo na qual o parto era feito por uma parteira. Esta se encontra em dificuldade na condução do parto e o bebê não nasce, entrando em sofrimento fetal. A parteira informa à parturiente que vai chamar o feiticeiro da tribo.

Esta informação, entretanto, não é dada da forma a que recorrem nossas parteiras que, quando não conseguem conduzir um parto ao seu final, informam à parturiente da necessidade de buscar outra pessoa, com uma carga de derrota. Vão buscar, então, um médico para tentar fazer aquilo que elas não conseguiram fazer, um médico com quem elas estão, de um modo geral, em franca competição, bem ao contrário da parteira e do feiticeiro entre os quais reina plena cooperação.

Esta informação é dada de forma mais sábia de modo a iniciar, enriquecida por uma encenação, a intermediação da fala. É, portanto, com uma fala específica que ela informa à parturiente que vai buscar "aquele que fará com que o parto se dê", iniciando o canto mítico que terá prosseguimento com o feiticeiro e seus auxiliares.

Assim ela faz e vai, dançando e cantando, em direção à cabana do feiticeiro. De lá, volta à frente de um desfile que se constitui dela mesma, do feiticeiro e todo seu séquito. Todos eles vêm contando à parturiente a história de que o quê está se passando é uma oposição da deusa da fertilidade a que ela dê à luz e que eles terão então de trabalhar juntos com a finalidade de vencer a oposição da deusa. Não podem, entretanto, feri-la demais porque, se a ferirem assim, derrotando-a de forma humilhante, se ela sentir-se humilhada, pode vingar-se, prejudicando a futura prole.

Desenvolve-se um discurso cantado que descreve a luta dos enviados do feiticeiro para: primeiro, guerrear com os defensores da deidade; segundo, entabular negociações para que o parto possa ocorrer.

O feiticeiro continua relatando a luta entre os seus enviados e aqueles defensores e depois a entabulação de negociações entre eles, que entraram pelo canal vaginal e foram até ao útero, onde estava instalada a deusa, enquanto ele faz o relato, relaxa-se o canal vaginal e o bebê nasce.

Uma percepção genial dos problemas de um parto difícil que a “ciência” levou alguns séculos para perceber, que uma intervenção excessivamente agressiva num parto pode comprometer a fertilidade futura de qualquer mulher, pois nós, médicos de hoje, sabemos que aquele parto poderia dar-se, mas poderia ter mesmo como consequência a infertilidade.

O relato do feiticeiro, o caçador e o baobá e o do feiticeiro, a parteira e a parturiente estão em cada um dos lugares citados com objetivos diferentes. O primeiro, em “Linguagem e Mito”, busca mostrar a formação dos deuses momentâneos e como esta formação ocorre pela nomeação, mas serve também, como serviu a mim, para demonstrar o poder da fala. O segundo, “A Eficácia Simbólica”, busca mostrar a eficácia da magia, mas, como o anterior, serviu também para fortalecer a convicção que se vinha desenvolvendo em mim de que a fala é um instrumento extremamente poderoso.

Outro pensador da mente humana, agora um linguista, Roman Jakobson (local citado), faz um pequeno estudo de um “slogan” político, para demonstrar como elementos de poética na fala podem aumentar a eficácia de um mote político. De novo, um estudo que busca dar provas de outras formas de influência humana recíproca pela fala pode chamar nossa atenção para o poder da fala.

“O slogan político ‘I like Ike’ (ai laic aic, eu gosto de Ike), suscintamente estruturado, consiste em três monossílabos e apresenta três ditongos /ai/, cada um dos quais é seguido simetricamente de um fonema consonantal /..l..k..k/. O arranjo das três palavras mostra uma variação: não há nenhum fonema consonantal na primeira palavra, há dois à volta do ditongo, na segunda, e uma consoante final na terceira. Um núcleo dominante similar /ai/ foi observado por Hymes em alguns sonetos de Keats. Ambas terminações da fórmula trissilábica // like / Ike rimam entre si e a segunda das duas palavras que rimam está incluída

inteira na primeira (rima em eco), /laic/-/aic/, imagem paronomástica de um sentimento que envolve totalmente o seu objeto. Ambas terminações formam uma aliteração, e a primeira das duas palavras aliterantes, uma imagem paronomástica do sujeito amante envolvendo o objeto amado. A função poética, secundária deste chamariz eleitoral reforça-lhe a impressividade e a eficácia.”

Um apontamento que tributo a Isaias Melsohn: O “I” (eu) e o Ike estão envolvidos dentro da primeira palavra que rima, que é nada mais nada menos que “like” - gostar -, e aí inclui não só o sentimento no seu objeto como também o sentimento do sujeito gostante, isto é, inclui sujeito gostante e objeto gostado dentro do próprio gostar.

Faço, por meu turno, outro acréscimo, já que não vi este assinalamento em nenhum lugar. “Like” significa como, igual, semelhante, idêntico. O “slogan” então, não só inclui o eu e o “Ike” no gostar, como também os identifica, cria uma identidade entre “I” (eu) e “Ike”, os inclui numa mesma identidade, numa mesma personalidade. Eu e “Ike” somos, portanto, um único, incluídos que estamos dentro do “igual”. Portanto, Ike sendo vencedor, eu serei igualmente vencedor.

E aí está porque este “slogan” inverteu as projeções até então desfavoráveis a Ike e como o poder da fala impõe-se ao sujeito, sem que ele possa libertar-se dele. Assim como o escravo ou o louco não podem dar-se conta de que estão submetidos ao senhor e à loucura. Assim como o colono ou colonizado não pode dar-se conta de que falar a língua matriz como colonizado é o que o faz pensar que fala pela matriz, que fala não como o colonizado, mas como se fora o colonizador.

Falta-me ainda recorrer ao anunciado relato de um colega sobre uma experiência pessoal que mostra a função estruturadora da fala de onde, aliás, ela extrai todo o seu poder. Fosse mais amplo meu espaço e mais extensas minhas pretensões que não tratar apenas do poder da fala e estaria, como veremos, aberto um novo veio para explorarmos a formação dos sintomas e seu desfazimento, mas, como pretendo concentrar-me exclusivamente no problema do poder da fala e de como a linguagem alcança tal poder, utilizar-me-ei deste relato tão somente para acrescentar mostras deste poder.

O relato me foi feito há muitos anos atrás pelo colega e amigo Luciano Marcondes Godoy, exatamente quando conversávamos sobre o problema da fala e, para enriquecer este texto, pedi a ele que refizesse, por escrito, aquele relato. Ele o fez e, deste escrito, faço um resumo.

“Estava entrando em casa ontem à noite com uma vaga sensação desagradável e indigesta, vindo da reunião com a fulana. Quando olhei para o teto, vi que o alçapão estava destrancado. Comecei a pensar que poderia ser um acesso fácil para um ladrão, fui até o quarto e, quando voltei, achei que o alçapão já tinha sido mexido. Portanto, um ladrão realmente estava invadindo minha casa. Comecei a ficar intensamente angustiado e ouvi o apito do guarda noturno. Corri ao seu encontro para contar o que estava acontecendo e fomos verificar no forro, subindo pelo alçapão, se havia algum ladrão, ele com sua arma na mão.” (Foi por isto que afirmei acima ser melhor uma organização qualquer, mesmo desagradável, que nenhuma organização.) “Nada encontramos e conversamos sobre a possibilidade de avisar à polícia, logo desistimos, mas continuamos a procura, agora, examinando o telhado. De novo, nada encontramos. O guarda noturno se foi, eu fiquei ainda com aquele estado de angústia que já havia notado antes mesmo de ter visto o alçapão destravado, embora a esta altura já me sentisse mais aliviado. Comecei então a perguntar-me sobre o quê e como isto estava acontecendo. Estas perguntas faziam sentido, porque era frequente chegar alta noite em casa e nunca me ocorrera tal sensação de medo e minha casa jamais havia sido assaltada. Lembrei-me então do sentimento desagradável de minha chegada e se tudo o que estava acontecendo não poderia ser uma evolução desse mal estar e continuava a tranquilizar-me. Logo comecei a dar-me conta de que me sentira roubado pelo fato de ter tido de pagar uma quantia que achei indevida na reunião da qual vinha. Neste momento, toda a parafernália descrita evaporou-se. A ansiedade, e isto é o mais notável, desapareceu de vez e a sensação de alívio foi total. Já então eu poderia, se assim quisesse, dormir no telhado de minha casa.”

São conclusões suas que faço minhas: “Creio que houve uma progressão do vago, indefinido, desconforto indigesto, para um arranjo esquizoparanoide e deste para o nível mais sofisticado da linguagem

discursiva e libertadora.” E acrescento: indigesto, porque indizível e que começa a tornar-se digerível enquanto vai-se tornando uma organização dizível, embora desagradável, mas já uma organização ainda que esquizoparanoide.

Podemos dizer que, no primeiro momento, o do desconforto indigesto, havia uma desorganização psicótica em busca de uma ordem outra, não psicótica ou que não gerasse angústia. A primeira ordem que se propõe já prenuncia o conteúdo: o roubo que, mais tarde, assumiria a ordem final, “estar sendo roubado numa reunião”. Como em todos nós já há uma mediação pela linguagem, a consciência expressiva pura de Cassirer (Cassirer, 1921-1929) ou a experiência esquizoparanoide de Klein (Klein, 1946) não podem ser observadas de forma pura, pois desde o primeiro momento ocorre uma interferência da linguagem ordenadora. Por isto o relato acima se torna ligeiramente diferente do caçador de Cassirer (Cassirer, 1924) - relato no qual o estado de paralisação caracterizava a perda da fala e, aí sim, podemos chamar expressiva pura ou esquizoparanoide.

Este relato, como o do caçador, indica o caminho para a formação de sintoma e seu desfazimento, como assinalei antes, mas, também como afirmei na mesma ocasião, este não é o espaço que eu escolho para discutir este tema, escolho-o apenas para apontá-lo. Aqui está, também, em jogo, a questão do deslizamento do significante.

A Visão Telescópica

“Afinal de contas, ela [a palavra] é um instrumento poderoso; é o meio pelo qual transmitimos nossos sentimentos a outros, nosso método de influenciar outras pessoas.”

Freud, 1926.

Este tópico poderia chamar-se também “A Divisão das Linguagens” ou “A Guerra das Linguagens”, copiando Barthes, ou, ainda, “O Discurso Competente”, copiando Chauí, chamo-o “A Visão Telescópica”.

Na visão telescópica penso poder unir vieses muito importantes de uma compreensão da fala. Tal união foi fundamental para ajudar-me a compreender como a divisão da língua, que se inicia sempre como uma guerra entre o poder e uma linguagem, desemboca na guerra entre as várias linguagens constituídas, as quais, no movimento que cada uma delas faz em arvorar-se o único lugar de onde se pode falar ou tornando-se este lugar por cooptação do poder, buscam sempre tornar-se o discurso competente.

À primeira incursão do meu contraponto.

Em 1952, Winnicott⁵ escreve uma carta a Melanie Klein, na qual a previne de que não se utilizasse daquele linguajar que estava usando, porque ela corria o risco de que ideias tão importantes pudessem vir a ser relegadas ao esquecimento.

Esta carta de Winnicott, analisada tantos anos depois, permite-nos depreender como um analista da Sociedade Britânica de Psicanálise, submergido na linguagem do senso comum daquela Sociedade, não podia dar-se conta de que estava dominado e de que, dominado, recebia uma analista alemã. Esta analista trazia ideias que estavam, pela imersão de Winnicott na linguagem de sua Sociedade, apartadas das ideias correntes naquela instituição. Assim deveria mesmo alertar a colega criadora e “porta-voz” desta nova linguagem. Devia mesmo alertá-la para que fizesse o discurso estabelecido, o discurso da Sociedade Britânica e, não, qualquer outro. Enfim, sugeria que trouxesse a ideia nova, mas já submetida ao estabelecido, ao *status quo*, e que, pela submissão à sua linguagem, não inovasse em terminologia e, assim, não inovando na terminologia, estrangulasse seus conceitos nos nomes disponíveis, ou que, pelo menos só o fizesse ela mesma não “permitindo”

⁵ Embora a história da Sociedade Britânica de Psicanálise e o conteúdo manifesto da carta apontem a possibilidade de um sentido diverso do que dou, a emergência de conteúdos latentes (por isto falei de intencionalidade inconsciente) sugerem o que proponho, por exemplo: “você é a única pessoa que **pode** destruir, com um objetivo construtivo, esta linguagem chamada doutrina kleiniana ou kleinismo.” e prossegue: “Se você não a destruir, então esse fenômeno artificialmente ‘integrado’ deve ser atacado destrutivamente.” (Grifo meu.) Estas afirmações minhas geraram tal revolta por parte de alguns colegas winnicottianos que me parece ser esta revolta, pela sua desproporção, mais uma mostra do que me refiro como a imersão nas linguagens.

que seus seguidores o fizessem, sem se certificar antes que tenham apreendido adequadamente os conceitos.

Esta imersão de Winnicott na linguagem da *doxa* de sua sociedade ocorre exatamente como ocorre a todos nós, de tal forma que ninguém pode ser suficientemente capaz de escapar a tal submissão quando está participando, ativamente, de qualquer grupamento humano, qualquer que seja ele, isto detém uma inexorabilidade. Se não está claro até agora, este é o momento de reiterar, mesmo que repetitivamente: o que digo ao longo de todo este texto aplica-se inexoravelmente a todo psicanalista, a todo ser humano encarnado, só não se aplica aos deuses. Mesmo Winnicott, que se utilizava de uma linguagem peculiar, se espanta com certas características da fala kleiniana.

Os estudos de sociolinguística e de antropologia ligados à linguagem são estudos muito recentes. Por isto mesmo a sociolinguística ainda não se dedicou explicitamente ao estudo de Roland Barthes (Barthes, 1973) no qual se deteve para mostrar como se vão organizando dentro de uma mesma língua várias linguagens que são características de grupos sociais: proletariado e burguesia, grupos de prisões, grupos religiosos, dentro dos grupos religiosos - linguagens de paróquias -, grupos adolescentes, grupos profissionais, etc. Não estou me referindo às gírias tão peculiares aos adolescentes nem aos termos técnicos dos grupos profissionais que, geralmente, mas nem sempre, são estrangeirismos. Estou-me referindo a uma linguagem que é peculiar aos grupos, independentemente das gírias, dos termos técnicos e dos estrangeirismos. Com estas ressalvas, refiro-me ao que corriqueiramente chamamos "psicanalês", "economês", "computes", etc. Desta linguagem fazem parte as gírias, os termos técnicos, os estrangeirismos e até mesmo as siglas⁶.

Todos nós já passamos pela experiência de tentar conversar com pessoas de certos grupos ou de certos serviços e enfrentar alguma

⁶ Neste parágrafo, procuro conceituar o que seja linguagem. No curso do texto uso com o mesmo sentido: linguagem, fala ou, ainda, palavra, uma vez que os autores referidos por mim, em cada uma destas passagens, assim o fizeram. Freud, por exemplo, na sequência da citação de 1926 diz: "... o senhor vai fazê-lo acreditar na magia da palavra ou da fala...".

dificuldade, às vezes intransponível, pelo uso de uma linguagem peculiar. Isto nos acontece a todo o momento no nosso ambiente profissional, só que raramente nos damos conta, uma vez que estamos imersos nesta linguagem, assim como Winnicott estava imerso na linguagem de sua Sociedade de Psicanálise e não podia dar-se conta disto, e utilizamo-nos dela como se fosse a linguagem universal, a língua. Um exemplo singelo pode ajudar a deixar mais claro o que quero transmitir - um anúncio de jornal em que se lê: "Carro OK". Tal anúncio poderia ser confundido com um anglicismo, mas, como estamos no mundo do mercado de automóveis, não o é, e quer dizer "sem quilometragem rodada" que, por sua vez, se se usasse a linguagem universal, seria "0 km" e não "OK". Outro exemplo simples é obtido se tentamos deter-nos sobre a IPA e quando nos referimos a ela. Habitualmente dizemos apenas a IPA. Se estivermos em um meio leigo, ou esclarecemos imediatamente o que ocorre, o que não é frequente, ou rapidamente alguém vai nos perguntar, o que é IPA e isto é o mais frequente. E vamos apenas dizer que IPA é Associação Psicanalítica Internacional, mas quando dizemos IPA estamos dizendo muito mais que isto: estamos nos referindo a toda a estrutura organizacional chamada IPA, tais como a institucionalização, as atitudes fiscalizadoras, as questões atinentes à padronização da formação e dos psicanalistas. Todas estas coisas carregadas de aspectos desejáveis e de outros altamente indesejáveis. E disto não nos damos conta.

Estes são exemplos singelos de uma linguagem, que se dá ao lado da *doxa* com maiores ou menores consequências, mas, repetindo pergunta e resposta que Barthes propõe no livro citado: o que é a *doxa*? *Doxa* é a linguagem do senso comum, então aquela linguagem não universal é uma linguagem que está ao lado da *doxa*, da linguagem do senso comum e, portanto, é uma linguagem "para - doxal"; é uma linguagem que está ao lado da linguagem do poder, porque o poder se utiliza, para comunicar-se, exatamente da linguagem do senso comum, da *doxa*. As áreas novas do saber e muitas outras linguagens se organizam como linguagens que não são a linguagem do poder. Nos exemplos que escolhi, encontramos simples linguagem paradoxal. Em outros, como veremos, as linguagens chegam para instaurar a guerra.

Barthes chama a isto a divisão das linguagens e dá à linguagem do poder o nome de linguagem encrática e, à linguagem que está paralela ao poder, dá o nome de linguagem acrática.

Ele mostra também como a linguagem acrática é não só uma linguagem que está à margem do poder, como também é uma linguagem contra o poder, mas só a princípio.

Foi assim com o Marxismo, é assim com a Psicanálise. A princípio, linguagens tipicamente acráticas, paradoxais, mas que hoje já são uma linguagem do poder que as cooptou e, cooptando-as, eliminou-lhes o poderoso componente revolucionário.

Mas como isto se dá? Como se dá esta transfiguração de uma linguagem que é contrária ao poder em uma linguagem que é a linguagem do poder passando, então, a exercer sobre novas linguagens que possam surgir o mesmo cerceamento a que se viu submetida?

O poder, a princípio, tenta destruir a nova linguagem e, assim, destruir qualquer nova verdade que possa estar tentando veicular, pois, qualquer ideia nova é uma ideia que vem para “espalhar a peste”⁷, para desestabelecer o estabelecido e, portanto, é uma linguagem contra o poder estabelecido, qualquer que seja ele, e vem para guerrear com ele.

O Marquês de Pombal tentava destruir a verdade de que não só São Paulo e a Província Cisplatina poderiam separar-se, mas muitas outras províncias poderiam querer buscar o mesmo caminho. Ele então, percebendo que a Província Cisplatina já falava outra língua e estava irremediavelmente perdida, liberta-a, mas a de São Paulo ainda poderia ver-se submetida pelo poder da matriz e o Marquês inicia esta submissão pela obrigatoriedade do uso da língua paterna, usando o nome do pai.

Esta é a primeira tentativa do poder. Submeter a ideia nova. E é, geralmente, uma tentativa vitoriosa. Se, entretanto, a verdade veiculada pela nova linguagem é mais poderosa que o poder constituído, ou, se este se dá conta de que está perdendo o controle para ela, nada melhor que adotá-la para si, dando-lhe lugar dentro da estrutura do poder, transformando-a, assim, na linguagem do poder.

⁷ Hoje sabemos que Freud nunca teria dito a frase que está referida aqui, embora, se tivesse dito com o sentido dado por Barthes, seria extremamente adequada.

Aqui, de novo, meu contraponto.

A carta de Winnicott era uma fala claramente de intenção não conhecida pelo autor (de intencionalidade inconsciente, para os que preferem assim), mas uma fala que procurava trazer Melanie Klein e os kleinianos para a *doxa*. A fala de Winnicott, entretanto, não se mostrou uma fala poderosa, ninguém parece ter dado muita importância a ela, Melanie Klein, muito menos.

A fala kleiniana, sim, mostrou-se forte e poderosa, exatamente por ser uma fala prenhe de verdade, de observações cuidadosas e pertinentes sobre o funcionamento mental, e cujos conceitos tendiam a revolucionar a Psicanálise pondo em risco o poder estabelecido. Passou então pela vicissitude de, não podendo ser destruída pelo *status quo*, nem tendo sido excluída de forma a ter de estabelecer-se fora dele, coisa que, aliás, nem mesmo desejava, pois seu desejo era ver-se reconhecida, passou, repito, pela vicissitude de ter sido englobada pelo poder e transformada em sua fala.

Vicissitude infeliz - é verdade. Isto porque entre a *doxa* e a fala paradoxal estabelece-se, numa certa altura dos acontecimentos, um conluio que acaba por implicar que a fala paradoxal deixe de sê-lo, passando a ocupar o lugar da *doxa*, em conluio com ela, passando agora a ser ela mesma ou a fala do poder ou sua cúmplice. Não se sabe, é verdade, a custa de que concessões de cada lado, no mínimo, entretanto, perdendo grande parte de sua força revolucionariamente inovadora.

De dentro de uma linguagem, a linguagem psicanalítica (um socioleto na terminologia linguística), que já fora paradoxal e que já passara, ela mesma, por vicissitude semelhante, perdendo, por isto, força revolucionária, surgia outra linguagem paradoxal que se aproximava, rompendo conceitos e verdades estabelecidos. Winnicott tinha de pedir a ela: fale, mas fale segundo os nossos hábitos.

Há, então, uma primeira tentativa de abortar a nova fala, para depois, se o abortamento se mostra difícil, se a nidação já se estabeleceu, ou ainda, se a eliminação da nova fala ameaça com a cizânia, adotá-la. A ordem geral é algo mais ou menos assim: use a nossa linguagem, a linguagem comum, porque assim as rupturas que se propõem serão minimizadas em sua intensidade e efeitos uma vez que, repito, os novos

conceitos ficarão estrangulados nos termos e nomes antigos. Se o poder não consegue nem isto, paciência, irmanemo-nos todos, identifiquemo-nos com o agressor.

Muitos conceitos exigem novos termos para veicular novos sentidos e a tentativa de trazer a fala para o ambiente da fala estabelecida é, sem dúvida, uma tentativa de impedir a mudança do estabelecido.

Com Lacan as coisas foram bem diferentes. Às tentativas iniciais de cooptação seguiram-se ameaças e, finalmente, a exclusão, por falar uma fala paradoxal que se recusava a ser assimilada pela *doxa*, não queria perder a força revolucionária que arrastava consigo. A fala, entretanto, era também poderosa e manteve-se, criando *doxa* própria⁸.

Até aqui procurei utilizar-me dos estudos de Roland Barthes para mostrar que ocorre uma divisão da língua em linguagens, uma encrática, que é a linguagem do poder ou do senso comum, e outra, acrática, que engloba as linguagens que estão fora do senso comum, fora da *doxa*, as linguagens paradoxais e como, entre elas, se instaura uma guerra; enfim, como esta divisão se presta a separar duas áreas de influência: uma que é a do poder e outra que, sendo apartada dele, está em verdade contra o poder, em guerra com ele, desde o início.

Utilizei, ainda, para mostrar isto, meu contraponto, o leitor lembra-se bem, que é a carta de Winnicott a Melanie Klein.

Esbocei também uma demonstração de como uma fala, que a princípio se apresenta como paradoxal, vai progressivamente assumindo "ares" de *doxa* e impõe-se sobre novas falas, da mesma forma que a *doxa* se impôs sobre ela.

E a guerra continua.

A guerra continua sempre, entretanto, contra novas ideias ("ideia nova") que surjam para romper o que está estabelecido.

Interessa-me agora examinar mais detalhadamente como a linguagem do poder se estrutura e se transforma em discurso competente,

⁸ Evidentemente, este é um jogo de palavras no qual cedi à tentação de entregar-me ao lúdico em detrimento do rigor conceitual no uso que faço de "criando *doxa* própria". Além disto, a oscilação entre o lúdico e o rigor conceitual permite-me assinalar a organização do psicanaleta lacaniano como excludor de outros pensamentos psicanalíticos.

exclusivamente porque é a linguagem corrente, e como os discursos que não estão de acordo com a linguagem corrente passam a ser os discursos marginais e, mais importante, incompetentes. E isto se passa assim se não forem cooptados ou, mesmo não sendo cooptados, se conseguirem sobreviver sem “constituir *doxa* própria”, porque, se “constituírem *doxa* própria” passam a exercer o poder em outra subdivisão das linguagens.

O discurso competente é aquele que, originário de uma fala poderosa, nasce dentro do poder ou é cooptado por ele e se transforma no único palco de onde se pode falar e de onde se pode contestar. O discurso competente é aquele que, pela sua própria natureza e estrutura, diz qual é a plateia à qual compete falar, de onde compete falar, quem é competente para falar e, finalmente, qual é o único lugar de onde se pode contestar. Portanto, não adianta contestar o discurso competente de fora dele, há que se tornar um discurso competente para poder, então, contestar o que, nesta altura, já se torna incontestável. O círculo vicioso não sou eu quem cria.

Foi Marilena Chauí, no texto já citado, quem me pôs em contato com esta forma de abordar a fala - a via do discurso competente -, em 1981. A constituição do discurso competente é o aprimoramento final do uso do poder da fala e da divisão das falas para que a fala se torne a fala do poder e comece a delimitar áreas. Áreas de competência e incompetência, de saber e não saber, de verdade e não-verdade, de quem é e de quem não é detentor do saber e, portanto, está ou não está autorizado a falar e, mais grave que tudo: a quem se deve ou não se deve dar ouvidos.

À vista desarmada

“Sem dúvidas ‘no começo foi a ação’ e a palavra veio depois; em certas circunstâncias ela significou um progresso da civilização quando os atos foram amaciados em palavras.”

Freud, 1926.

Depois de ter examinado como, no mundo organizacional da sociedade num sentido amplo, a língua é dividida em linguagens que, partindo do viés do qual se vê a linguagem do senso comum como sendo a linguagem do poder, a linguagem da qual o poder se serve para, primeiro comunicar-se e, depois, para delimitar áreas inacessíveis às forças externas ao poder, estabelecendo que sua linguagem seja paradoxal, vou tentar restringir meu campo de visão concentrando-me, a partir de agora, exclusivamente, num segmento da sociedade, o segmento psicanalítico, para tentar examinar como, dentro deste segmento, à semelhança da sociedade como um todo, o mesmo fato se repete.

Em outro lugar (Baptista, 1991) segui os linguistas e chamei de socioleto psicanalítico a linguagem que usamos para falar entre nós, os psicanalistas; chamei de psicanaleta a linguagem que falamos os psicanalistas, dentro de cada uma de nossas escolas ou grupos, seja lá como queiramos chamar os aglomerados que se formam entre nós por pensarmos de forma semelhante e chamei de psicoleto a linguagem que conseguimos estabelecer entre cada um de nós e cada um de nossos pacientes.

Foi Lacan quem primeiro denunciou o poder da fala dentro da Psicanálise, apontando para a situação criada pelo paciente quando constitui seu analista como sujeito suposto saber. Denunciando o sujeito suposto saber, denuncia a submissão do paciente a seu analista ele, paciente, quem cria o analista suposto saber. Lacan, entretanto, não parece ter-se dado conta de que o analista, percebendo ou não ter sido criado sujeito suposto saber, ocupa imediatamente este lugar para, a partir dele, exercer sobre seu analisando o poder recém-adquirido.

Denunciando isto, faz uma revolução dentro da Psicanálise, mas o faz com uma linguagem muito peculiar que, propondo-se como um psicanaleta, assume, portanto, as características de uma linguagem paradoxal que se opõe ao poder. À medida que o poder não consegue cooptar sua fala, vê-se expulso com todos aqueles que não se dispuseram de abdicar das ideias do mestre. Somente abdicando do psicanaleta poderiam permanecer dentro do socioleto psicanalítico. Assim, puderam permanecer aqueles que se submeteram à *doxa*. Evidentemente isto é

um dos problemas que geraram esta situação final entre muitos outros presentes, mas, de novo, é o aspecto que me interessa neste contexto.

Dando-se conta, entretanto, de que suas ideias são “escolastizadas” e, como brinquei acima, “formam *doxa* própria”, ele, que tanto combateu esta estratificação da fala, não pode submeter-se e continua combatendo. Quando, finalmente, vê que não seria possível impedir que sua própria fala se tornasse a fala do poder, agora reorganizado em nova “instituição”, fecha sua escola... E morre. Era a única coisa que lhe restava fazer.

O que se dá a seguir é o mesmo que já se deu com muitas outras correntes de pensamento das ciências da cultura dentro e fora da Psicanálise. Os discípulos são muito mais arraigados à “verdade” da fala escolástica que os mestres. Os mestres insistem em que os discípulos não digam que isto ou aquilo que os mestres disseram é a verdade. Mas os discípulos sempre respondem afirmando: o mestre falou... Então é. E, o pior, enquanto o mestre está vivo, sempre se pode chamá-lo para dizer qual é a verdade. Ele, como sábio que geralmente é não o faz. Mas, morto o mestre, cada discípulo torna-se seu legítimo intérprete. Repete-se a luta da horda primeva.

Todos conhecem certa afirmação atribuída a Freud, que não sei se factual ou não: “vocês são mais freudianos que eu mesmo”.

Bion faz coisa muito parecida.

Quem já teve os primeiros contatos com “O Aprender com a Experiência” (Bion, 1962) vai ver que Bion diz que aquele livro é para ser lido uma única vez. Por que isto? Porque se você puder, deve aprender com aquela experiência e evoluir para outra. Além disto, é para não fazer daquele saber o saber estabelecido, o saber competente.

Seus discípulos são como todos os discípulos e então, como sempre, Bion falou, e leem e releem até à decoração.

Aí então estrutura-se uma linguagem que, juntamente com a lacaniana, forma a dupla de linguagens mais herméticas da Psicanálise. Os dois psicanaletos mais característicos e mais fechados.

Os próprios mestres, Bion e Lacan, não se sabe com quanta intencionalidade, pela forma de escrever e pelas propostas que fazem, facilitam um tanto este hermetismo, facilitam a criação destes fechamentos, mas lembrem-se de que uma pequena parte deste

hermetismo vem da necessidade de veicular novos conceitos sem se deixar aprisionar pelo senso comum, acrescido da dificuldade própria de se exprimirem novas concepções.

O problema, então, não é o hermetismo dos mestres, mas o uso que será feito do hermetismo dos mestres pelos seus discípulos, transformando-os em psicanaletos, e isto independe do hermetismo original. Lembremo-nos de que a linguagem kleiniana também é cheia de hermetismos e de neologismos psicanalíticos. Como psicanaleto, aqui e em todas as vezes que me utilizar deste e outros termos semelhantes, estou referindo-me a todos os psicanaletos, o kleiniano, o lacaniano, o bioniano, o kohutiano e ao meu, que é possível que esteja criando e, se assim ocorrer, estarei tão imerso nele que não me será possível perceber.

Os psicanaletos vão servir então para delimitar escolas, ou áreas de saber, ou áreas de verdade ou, ainda, quem pode ostentar ou quem não pode ostentar um simples título profissional, ou seja, quem é e quem não é psicanalista.

O psicanaleto vai definir também quem entende até mesmo a teoria da escola e quem não a entende. Como se entender tal ou qual conceito teórico dependesse de outra coisa que não fosse apenas e tão somente uma leitura atenta, cuidadosa e inteligentemente repetida quantas vezes se fizerem necessárias. Joan Riviere (Riviere, 1936) diz isto de forma contundente e exemplar. Exemplar no sentido de que exemplifica à perfeição as características do que venho tentando mostrar: "Portanto, não estou esperando convencer imediatamente o leitor da validade de nossas concepções e nossas conclusões, pois, somente a experiência analítica, de acordo com as mesmas diretrizes, poderá fazê-lo." Evidentemente bem distante da seriedade científica de Freud: "Nem mesmo dos nossos pacientes exigimos que devem convencer-se da verdade da Psicanálise, no tratamento, ou aderir a ela. Tal atitude frequentemente levanta nossas suspeitas. A atitude que neles achamos mais desejável é a de um benévolo ceticismo" (FREUD, 1917 [1916-17]).

Então, quem não se submeteu a uma análise com um kleiniano, não entende as teorias propostas por Melanie Klein e seus seguidores; o mesmo se dá com os lacanianos, os bionianos e todo e qualquer outro analista erigido por seus discípulos em "magister dixit" de determinada escola.

Nenhum psicanalista kleiniano (ou lacaniano, ou bioniano, porque a afirmativa de Joan Riviere aplica-se a toda e qualquer escola)... Ora, melhor mesmo seria dizer nenhum psicanalista pretende convencer seu leitor, ou paciente, imediatamente; somente pretende fazê-lo depois de convencê-lo a submeter-se a seu divã ou a um divã kleiniano, ou lacaniano, ou bioniano, ou simplesmente a um divã, onde o leitor ver-se-á, procustianamente, transformado no que Fábio Herrmann (Herrmann, 1991) definiu tão bem como o “paciente criado”.

O paciente criado constrói-se mais ou menos como vou tentar apresentar a seguir. Estabeleça-se uma teoria psicanalítica ou recorra-se a uma teoria aceita e consagrada. Não importa se boa ou má, extensa ou circunscrita, abrangente ou focal, importa que seja uma teoria psicanalítica. Pode mesmo ser inventada na hora. A seguir, comece-se a investigar o paciente segundo aquela teoria. Dentro de pouco tempo, pela organização do que chamei um psicoleto, paciente e analista começam a entender-se segundo aquela teoria. Logo o paciente, muito provavelmente outro psicanalista ou alguém que, de tão bem convencido passa a desejar exercer a mesma atividade, estará pronto para “entender a teoria criada por seu analista ou à qual ele recorreu”. Sairá, então, pelo mundo disseminando a mesmice, mesma teoria.

Os psicoletos vão então sendo transformados nos múltiplos discursos competentes que vão delimitar as áreas dos incluídos e dos excluídos. Os primeiros podem falar e devem ser ouvidos, os segundos estão indexados e, portanto, não têm o direito de falar, nem podem ser ouvidos, nem lidos, nem podem ser levados a sério. Contra eles se levanta uma barreira pequena, apenas não são psicanalistas, podem ser filósofos, linguistas, sociólogos, brilhantes até, mas não psicanalistas. Esta barreira vem sendo apontada entre nós por Isaias Melsohn, quanto à dificuldade de muitos analistas aceitarem, como fonte enriquecedora de sua reflexão sobre a mente humana, dados oriundos de outras áreas do conhecimento que não a própria Psicanálise, como se esta pudesse ser uma ciência sobre o homem desligada de tudo o mais que se pensa no universo humano. Este alerta parece ser o mesmo que ameaçou Bion, ou pelo menos o constrangeu, quando, em “O Aprender com a Experiência”, assinalou as dificuldades que poderiam decorrer de uma

crítica excessiva quanto ao uso que faz de certos termos, pois já aí o estabelecido recorre a qualquer estratégia para impedir o surgimento da ideia nova.

Lacan, com toda sua escola, passou por isto quando tentou usar uma linguagem paradoxal dentro da Psicanálise. Que faz a *doxa*? Depois de tentar cooptar e não conseguir, expulsa. Os lacanianos escolásticos de hoje repetem a mesma coisa com os não lacanianos — não fazem Psicanálise —, por exemplo, porque interpretam.

Melanie Klein passou por situação semelhante, mas a ela a *doxa* conseguiu cooptar e hoje, em muitas áreas do pensamento psicanalítico, sua fala está transformada em psicanaleta determinante de áreas de inclusão e exclusão.

Bion não viveu a ameaça de ser expulso, mas mudou-se para os Estados Unidos. Mudou-se para a Califórnia. O que não teria nada de mais se não ouvíssemos um psicanalista inglês referir-se a ele assim: "O Dr. Bion, depois que se mudou para a Califórnia,...". E todos nós sabemos o que a Califórnia significa para um inglês. O tom é franca, ostensiva e agressivamente depreciativo. Isto se equipara a uma expulsão, se não for pior.

Apenas a título de exemplo, um analista dos mais conceituados e respeitados entre seus colegas faz, numa Sociedade de Psicanálise, uma conferência que se intitula: "A Psicanálise Clássica e a Verdadeira Psicanálise". Não vou me estender sobre o conteúdo da conferência, mesmo porque posso testemunhar que foi uma excelente conferência. Não vou me estender sobre o conteúdo, porque o que interessa é muito mais simples e está na escolha, talvez infeliz, mas exemplar, do próprio título da conferência, um título que delimita uma área dentro da qual e só dentro da qual a Psicanálise é verdadeira, e uma área fora, na qual qualquer grupo, corrente ou escola que pretenda ser psicanalítico vê perdido seu estatuto de verdade.

Cada um de nós mesmos, quando nos defrontamos com uma linguagem nova nos vemos movidos, num primeiro momento, por forças que nos impulsionam a excluir essa nova linguagem. Qual psicanalista não passou por um ligeiro movimento de aversão, de exclusão, no seu primeiro contato com a obra kleiniana? E a aversão, no caso, nem sequer

ocorre pela presença de muitos neologismos ou termos menos usuais. Quem não teve movimentos excludores, agora não aversivos, diante da obra lacaniana, aqui sim, pela necessidade que teve seu criador, de recorrer a incontáveis neologismos ou a uma imensidão de novos sentidos a termos já corriqueiramente usados, que a própria compreensão da teoria levava à mudança?

A relação que se estabelece entre as áreas delimitadas pelos psicanaletos e os próprios psicanaletos é uma relação curiosa em que criador e criatura se alternam de tal forma que o psicanaleto delimita a área e esta estrutura o psicanaleto. Se a isto somarmos a pretensa necessidade de que, aqueles que pretendam entender uma teoria se analisem com um analista daquele psicanaleto, teremos as condições necessárias e suficientes para o estabelecimento de uma ordem religiosa iniciática, cuja iniciação passa pelo divã escolástico.

Vivo o mestre, ele terá o poder de dizer quem o entendeu e quem não o entendeu. Morto o mestre, começam as inúmeras dissensões e cisões, porque muitos serão aqueles que tentarão tomar o lugar do mestre e muitos aqueles que nomearão este ou aquele outro como quem tem o direito de falar pelo mestre. Muitos afirmarão mesmo a necessidade da morte totêmica do mestre. Mas uma afirmação na qual está claramente implícita a evidência de que quem prega a morte do mestre o faz porque está convicto de que será seu o lugar vago. Já que foi ele o único que “comeu, no banquete totêmico, o coração do mestre”, o âmago de sua teoria.

Caminha-se assim para a divisão cada vez maior dos agrupamentos, porque, num determinado momento, muitos estarão falando o mesmo psicanaleto, mas cada um dizendo coisas diferentes com as mesmas palavras. Vai-se ouvir de um ou outro colega “fulano não entendeu bem o que é ‘buraco’, ‘alucinação’, ‘posição’” ou, mais recentemente, “ruptura de campo” e aqui, perdoe-me o meu amigo Fábio Herrmann, alguns perguntarão com discreta suspicácia e profunda sutileza: mas o Fábio escrevia ‘ruptura’ ou ‘rutura’? Porque faz uma enorme diferença.

Dentro da Psicanálise, ainda, mas, também, em qualquer outro ramo das ciências da cultura, sendo que em cada uma delas desenvolve-se uma linguagem própria que poderia ter seu próprio nome, os psicanaletos

servem para enclausurar o saber. O que está dentro do psicanaleta é o saber, o que não está, é o não saber.

De novo, Lacan denunciou isto, Bion denunciou isto, enfim, todos os grandes mestres denunciaram isto. Mas o que fazer com este grupo tão desejado por qualquer mestre e, ao mesmo tempo, tão deformador, o grupo dos prosélitos? Quem não deseja um seguidor? Com os discípulos nada se pode fazer, exatamente porque da posse do saber vai depender o próprio enclausuramento do saber e, do enclausuramento do saber vai depender o domínio do poder e, como discípulos ou seguidores, não podem prescindir de um "index" que lhes garanta o estatuto daqueles que falam com deus.

A visão microscópica

"As palavras podem fazer um bem indizível e causar terríveis feridas".

Freud, 1926.

Sob este título, quero fazer uma tentativa de aproximação com uma estratificação ainda maior de minha reflexão ou, para manter a imagem óptica, com lentes de aproximação mais poderosas, do nível das lentes de um microscópio. Pretendo examinar, exclusivamente sob o ângulo do exercício do poder, a forma como a fala, ou a língua dividida em linguagens, pode ser utilizada para que se exercite o poder de uma pessoa sobre outra.

Lembro-os de novo, como minha prática é psicanalítica, vou utilizar para isto a relação analítica, mas repito, tentando isolar apenas os aspectos que digam respeito ao exercício do poder de um, geralmente o psicanalista, sobre o outro, geralmente o paciente. Embora isto possa parecer um reducionismo, não o é, uma vez que não pretendo tirar nenhuma conclusão generalizadora nem de longo alcance.

Sou levado a repetir um pouco, que me desculpe o leitor já cansado e que, tendo chegado até aqui, pode desiludir-se e xingar-me. Mas foi para repetir e nada dizer sobre o mais importante? Estou exposto a isto e aceito o xingamento. Braz Cubas expôs-se ao mesmo risco, mas, é verdade, depois de morto, pois só o fez em suas memórias póstumas.

Mas, que não se canse, ainda mais, o leitor e, já que é tão pouco, vamos logo a isto.

Já me referi ao sujeito suposto saber, denúncia inteligente de um arguto estudioso da Psicanálise sob o viés do discurso humano estruturado. Já falei do paciente criado, alerta arguto de um pensador inteligente da Psicanálise. Já me referi à ideia nova e à resistência a ela pelo estabelecido, visão profunda de um arguto e inteligente pensador daquilo que escapou a Freud, sabe-se lá por que, pensar, mais detidamente e com intenção de tornar público, a origem, a formação e o desenvolvimento do pensamento⁹. Já me referi também à denúncia das dificuldades encontradas pelos psicanalistas de um modo geral em se abeberar em outras fontes do saber humano, mostra da argúcia e inteligência de um original pensador brasileiro da Psicanálise. Já transcrevi uma afirmativa da necessidade de que um analista que queira entender as conclusões e conceitos de outro deva submeter-se ao divã do primeiro ou de um de seus seguidores para ser procustianamente lavrado, de forma que assim, e só assim, possa transformar-se em lavra de boa cepa...

Acólito infeliz!

Curiosamente só existem duas profissões que exigem que o pretendente a seu exercício primeiro se submeta a ela para depois propor-se a exercê-la: a Psicanálise e a feitiçaria, segundo Lévy-Strauss, no local citado, principalmente em "O Feiticeiro e sua Magia". Alguns alegam que também algumas religiões o fazem. Mas há tão grandes diferenças entre as religiões e a feitiçaria? Psicanaliticamente, penso que não.

Depois de apontar para tantas formas do uso do poder da fala, ainda restará alguma outra forma de exercício deste poder que não tenha sido apontada?

Não, acho que não resta nenhuma.

⁹ Não se escapa, como não deve escapar a nenhum psicanalista, o estudo de Freud sobre o pensamento feito no "Projeto". Entretanto, este texto não só não visava à publicação como foi mantido escondido por Freud que não queria vê-lo vir a público, fato que somente ocorreu em 1950.

Mas resta-me focar minhas lentes no psicoleto, que, como o leitor atento já está exausto de saber, é a fala que conseguimos criar para mantermos uma conversação razoável com nossos analisandos.

Quando me refiro a este linguajar peculiar que cada um de nós encontra a duras penas para fazer-se entender e entender, ele mesmo, o que seu paciente procura veicular por meio das pobres palavras que tanto cerceiam a comunicação humana, não vai mais importar se falamos com cada um dos pacientes qualquer dos psicanaletos, se privilegiamos a inveja ou o pensamento, a identidade e suas vicissitudes ou a consciência e suas formas de organização, o corte ou a sexualidade, a mãe suficientemente boa ou a veracidade do *self*, porque, se nossa fala for fiel à emoção vivida pelo paciente, quaisquer destes termos, originariamente vazios de sentido, emprenham-se de sentido e então, e só então, temos a oportunidade de transformar qualquer psicanaleto, transmutado num psicoleto, num instrumento que nos permita, usando-o junto com nossos analisandos, buscar o progresso e o desenvolvimento emocional da dupla.

A constituição desse psicoleto é, há um tempo, o momento a partir do qual pode emergir qualquer ganho para a dupla na busca permanente de progresso, desenvolvimento e ampliação do campo da consciência. Mas é também, há outro tempo, o ponto básico que pode dar origem a toda forma de exercício de poder entre paciente e analista, geralmente deste sobre aquele.

Se escolhermos o viés da sexualidade, frequentemente, sem muita dificuldade, logo encontraremos nossos pacientes "transferidos" eroticamente a nós e, agora de novo, se escolhermos a análise da linha de atuação, também rapidamente veremos nossos pacientes atuando, por submissão ou desafio, eles estarão rapidamente "criados" se tivermos sido felizes em nossas escolhas. Indiscutivelmente, há uma coincidência entre felicidade de escolha da teoria e a boa apreensão do paciente, mas isto não torna a teoria mais ou menos verdadeira, pois não é pela confirmação de qualquer teoria que encontraremos alguma verdade, mas, sim, nos momentos exatos em que cada teoria se veja inviabilizada.

Um precioso exemplo disto é a grande virada dada por Freud na teoria psicanalítica, quando constata: "Quando nos vemos assim

confrontados pela necessidade de postular um terceiro lcs., que não é reprimido, temos de admitir que a característica de ser inconsciente começa a perder significado para nós. Torna-se uma qualidade que pode ter muitos significados, uma qualidade da qual não podemos fazer, como esperávamos, a base de conclusões inevitáveis e de longo alcance." (Grifos meus) (Freud, 1923).

Talvez só exista uma forma de prevenir ou de remediar, se o mal já feito ainda for remediável, esta forma, única, é uma constatação de origem escusa e totalmente contestável — origem escusa e totalmente contestável, porque a frase foi cunhada pelo Senador McCarthy no auge da perseguição às bruxas nos Estados Unidos - consta ainda que foi trazida para o Brasil no cume das disputas entre o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), por este último, evidentemente, mas de profunda veracidade: "O preço da liberdade é a eterna vigilância".

"Diante das complexidades da mente humana, o analista deve ser prudente ao empregar mesmo um método científico aceito. Sua fragilidade pode estar mais próxima da debilidade do pensar psicótico do que um exame superficial chegaria a admitir".

Bion, 1962.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, M. L. A. *A Reconstrução como Recordação Encobridora de Matizes Transferenciais do Presente*. Revista Brasileira de Psicanálise. 25 (2): 425-34, 1991.
- BARTHES, R. (1973) *A Divisão das Linguagens e A Guerra das Linguagens* In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988, pp. 110/123.
- BION, W. R. (1962) *O Aprender com a Experiência*. In: *Os Elementos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966, p. 11.
- CASSIRER, E. (1924) *Lenguaje y Mito. Sobre el Problema de los Nombres de los Dioses*. In: **Esencia y Efecto del Concepto de Símbolo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1975, p. 77. Também em tradução brasileira: *Linguagem e Mito*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- _____ (1921-1929) *Filosofia de las Formas Simbólicas*. México: Fondo de Cultura Económica, vol. III - p. 76.
- CHAUÍ, M. *O Discurso Competente*. In: *Cultura e Democracia*. São Paulo: Editora Moderna, 1981, p. 3.
- FREUD, S. (1916 [1916-17]) *Psiquiatria e Psicanálise*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago Editora, 1976, vol. XVI, p. 8.
- _____ (1923) *O Ego e o Id*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago Editora, 1976, vol. XX, p. 209.
- _____ (1926) *A Questão da Análise Leiga*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. São Paulo: Imago Editora, 1969, vol. XIX, p. 25.
- HERRMANN, F. *Desejo, Representação e a Clínica da Crença*. In: *Clínica Psicanalítica: A Arte da Interpretação*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, p. 123.
- JAKOBSON, R. (1960) *Linguística e Poética* - publicado originalmente em *Stile in Language*, Thomas A. Sebeok., org., M.I.T. Nova Iorque, 1960. – In: *Linguística e Comunicação*, 2ª Edição, Revista. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1969, tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes, p. 15; 10ª edição. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, tradução idem, [s/d], p. 118.

KLEIN, M. (1946) Algumas Observações Teóricas sobre a Vida Emocional do Bebê. In: *Os Progressos da Psicanálise*. Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 216.

LÉVY-STRAUSS, C. (1949) *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, pp. 193/215.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Abril S/A, 1978.

RIVIERE, J. (1936) Sobre a Gênese do Conflito Psíquico nos Primórdios da Infância. In: *Os Progressos da Psicanálise*. Melanie Klein, Paula Heimann, Susan Isaacs, Joan Riviere. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969, p. 47.

ROUDINESCO, E. (1993) - *Jacques Lacan - Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

TCHAKHOTINE, S. (1939) - *Le Viol de Foules par la Propagande Politique*. Paris: Éditions Gallimard, 1952. Posteriormente: *A Mistificação das Massas pela Propaganda Política*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

WINNICOTT, D. W. (1952) - *Carta de Winnicott a Melanie Klein* Trad. de Cláudia Bacchi. *Revista Brasileira de Psicanálise*. 24 (2): 277-80, 1990.